

Reflexões sobre a indumentária na Arte: confluência na pintura de Pamela Zorn

Reflections on clothing in Art: confluence in Pamela Zorn's painting

Daniele Barbosa¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4332-8582>

Quando realizei a curadoria da exposição “Entre Lugares” (Espaço Força e Luz, 2021), individual de Pamela Zorn (Três Coroas/RS, 1998), tive a incrível oportunidade de observar como a arte, como suporte, pode transportar questões de outras áreas, inclusive as do campo da moda, possibilitando a abertura de diálogo e, além disso, complexificar compreensões desses campos.

Pamela Zorn, artista visual, residente de Porto Alegre, egressa do Bacharelado em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde realiza seu Mestrado em Poéticas Visuais, tem desenvolvido sua carreira artística articulando linguagens, dentre as quais se destaca a pintura, cuja produção ilustra a presente edição da revista dObra[s].

Em sua monografia² de conclusão de curso, Pamela relata seu “processo de produção em pintura figurativa, cuja temática diz respeito a autorrepresentação e identidade racial”. Nela o termo “Entre Lugares”, que também nomeia a exposição supracitada, é utilizado como reflexão sobre o lugar do corpo mestiço/negro (forma que a artista utiliza para denotar, desde o princípio, a questão posta da mestiçagem em seu trabalho) (ZORN, 2021, p. 3).

A exposição individual da artista, realizada em 2021 no Espaço Força e Luz (antigo Centro Cultural Ceee Érico Veríssimo) apresentou ao público um conjunto significativo de suas obras, abrangendo produções anteriores à graduação até as obras centrais de sua monografia. Mesmo sendo muito jovem, Pamela tem estabelecido uma identidade visual sólida com destaque no cenário artístico. Em 2022 foi a vencedora do 5º Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea em Porto Alegre, tendo realizado residência no Centre Intermondes em La Rochelle, na França.

Uma questão central para o conceito da curadoria dessa exposição foi a formulada por Lélia Gonzalez (2018, p. 375): “Como essa mulata vai encontrar sua própria identidade

¹ Graduanda em História da Arte (UFRGS), integrante do grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda e da Rede Latino-americana de Estudantes de História da Arte (Red-LEHA). Realizou a curadoria das exposições “Somos todas um só nó” e “Entre Lugares”, que lhe renderam o Prêmio Jovem Curador no XV Açorianos de Artes Plásticas (2022). Atua como co-coordenadora do Educativo da Fundação Iberê.

² Entre Lugares: Uma investigação pictórica sobre autorrepresentação e identidade. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/222935>.

e deixar de ser um entre lugar já que a mulata não é lugar nenhum?”. Pamela se utiliza de seu corpo, vestido intencionalmente com trajes considerados “típicos” de identidades muito diversas, talvez antagônicas. Ao compor, nas telas *Encenação* e *Pertencimento*, a própria imagem trajando um vestido típico alemão (*dirndl*) e um turbante (*iqhiya*), ela dá a essa indumentária atípica um lugar justo, o da ambiguidade, desta forma, promove uma experiência visual e estética provocada pela junção desses artefatos vestíveis. Cabe aqui a afirmação de Deleuze: “Em arte, tanto em pintura quanto em música, não se trata de inventar ou reproduzir formas, mas de captar forças” (2007, p. 62). Em Zorn, as forças captadas são próprias das roupas, de peças que carregam consigo mais que história, dão forma e sentido às experiências.

Entretanto, compreender experiências racializadas exige um aprofundamento histórico e social que atente para as violências sofridas, em especial se tratando de um contexto, como o nosso, de colonização construído com o sangue de escravizados e cuja sociedade se estrutura em bases hierarquizantes e racistas. Sendo a obra de arte resultado de um processo coletivo, considero interessante a reflexão de que aquilo que perpassa esses corpos e experiências, quando desdobrados para a materialidade (da obra), apresenta ou manifesta processos experienciados na coletividade.

Usando uma linguagem muito simples, tal qual fiz em minhas curadorias, quero com esse breve comentário acerca das obras de Zorn, afirmar a importância da arte como provocadora e catalisadora, no seu sentido mais material. Catalisar é um processo químico-físico, é desencadear pela própria presença ou existência (um processo), é estimular, é incentivar; a obra de arte tem essa potência, e alguns artistas mais, outros menos, são primorosos criadores no que diz respeito à elaboração de questões histórico-sociais, como as que atravessam o trabalho de Pamela.

Quero dizer com isso que o que vemos, em algumas obras apresentadas aqui, nas múltiplas formas e discursos abordados pela artista e na identidade própria de sua produção, é uma capacidade sutil de dar conta de questões deveras complexas.

Os tempos avançam, a percepção do mundo, das coisas, dos sentidos, se altera e reformula, e, nesse contexto, tenho considerado que o aumento de obras cuja objetividade sub-consciente³ é uma resposta à necessidade de elaboração inconsciente-consciente das violências e transtornos sociais que vivenciamos. Pamela Zorn sintetiza com sagacidade uma faceta, muitas vezes ignorada, dos traumas frutos da escravização e colonização. O que é apresentado pela artista poderia se tratar apenas de sua própria experiência e história, entretanto, no encontro com o outro, o observador, o que permeia a experiência individual atinge o corpo da coletividade através da retirada do véu do desentendimento, ou, da incompreensão. Não quer dizer que a obra dê conta de sanar o fato experienciado, mas o compartilhamento e a identificação permitem que a percepção desses fatos se substancie no indivíduo. O sentido atribuído neste processo está atrelado ao vestir, pois foi necessário que a artista trajasse essas peças (o vestido típico alemão e o turbante) para construir (ou materializar) os símbolos próprios de sua questão.

³ Trato aqui da clareza das imagens utilizadas pelos artistas e pela recepção subjetiva do público.

A catálise ocorre no aquecimento, de dentro pra fora, do sentido de vida, na experiência do observador; de como o componente químico da tela, em contato com o sentir individual, acalora mas também acalenta o que há de mais duro ou incompreendido. Exalam nas falas e nos relatos que tivemos em cada mediação, em cada diálogo durante a exposição “Entre Lugares”, a compreensão de que o contato com essas obras possibilitaram a substanciação do sentido, ou da falta dele, para certas experiências vividas em função do racismo.

A amostra de obras de Pamela Zorn selecionadas para a apreciação do leitor desta edição da dObra[s] compõem um conjunto que, embebido dos aspectos apresentados aqui, demonstra o trabalho da artista, as narrativas construídas por ela, mas também os extrapolam, como ocorre em sua produção mais recente, que transporta para outras camadas as nossas reflexões. É um convite à pesquisa e à aproximação.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon – Lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as Rosas Negras (entrevista). In: **UNIÃO DOS COLETIVOS PAN-AFRICANISTAS** (org.). Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

ZORN, Pamela. **Entre lugares**: uma investigação pictórica sobre autorrepresentação e identidade. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/222935>.